

Brasília,
aos 33 anos,
ganha sua
Lei Orgânica



IMPRESSO

CONTRATO Nº 3956/ 91
ECT/ CÂMARA LEGISLATIVA DF
UP: AC/ CÂMARA LEGISLATIVA

L • E • T • U • R • A • S

ESPECIAL



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

SUPLEMENTO CULTURAL

ANO, I, nº 05 Brasília, 21 de abril de 1993

qui estive em 1968, pela primeira vez, fazendo um estudo sobre as capitais federais existentes no mundo. Naturalmente que houve muitas mudanças, inclusive na face física do Plano Piloto.

Acho que seria oportuno, agora, fazer uma menção, ainda que breve, sobre a natureza do livro que editei.

Ele foi publicado em 1973 e contém escritos por um "expert" em cada um dos países visitados, sobre a administração de sua capital.

Agora, deixem-me dar a vocês a impressão que tive de Brasília em 1968.

Naturalmente, como todo mundo já deve saber, fiquei impressionado pelo fato de que era uma grande realização arquitetural, reconhecida em todo mundo.

Era muito espalhada, parecia não ter centro de vida e a cidade parecia grande demais para a população que comportava.

Camberra, na Austrália, era assim também. Levou bastante tempo para que a população ocupasse todo o espaço vazio, todo o plano central.

Mas, eu sabia que era uma questão de tempo. Assim que as embaixadas e os ministérios começassem a mudar para cá, tudo seria ocupado.

Em 1968, eu achava que os administradores de Brasília estavam bastante complacentes sobre o futuro da cidade. Pensavam que seus problemas seriam solucionados pelo crescimento gradual da população. Em outras palavras, acreditavam que nada poderia sair errado.

Estive lendo uma publicação, na qual vi um esquema do crescimento populacional e fiquei admirado em notar que, entre 1970 e 1975, a população de Brasília subiu, rapidamente, de 500 mil habitantes para perto de 1 milhão, e ultrapassará este número muito em breve.

Assim, Brasília está agora enfrentando problemas do que fazer a respeito das cidades-satélites e qual será seu papel, como centro regional e pólo de desenvolvimento.

Atualmente, há sete capitais governadas como Brasília, dentro de um Distrito Federal. E a maioria está na América do Norte e na América do Sul. Acho que a tendência era seguir o modelo de Washington.

Assim, além de Washington, temos, no mesmo modelo, a Cidade do México, Caracas, Brasília e Buenos Aires. As outras são: as cidades de Camberra, na Austrália e Nova Délí, na Índia.

Assim, qualquer desenvolvimento da área da Capital nacional se torna extremamente complicado e, naturalmente, como resultado, muitas coisas ficam por fazer.

Lembrando que da minha classificação eu só mencionei 14 cidades até agora, mencionarei as outras duas que têm categoria especial: são cidades-estados.

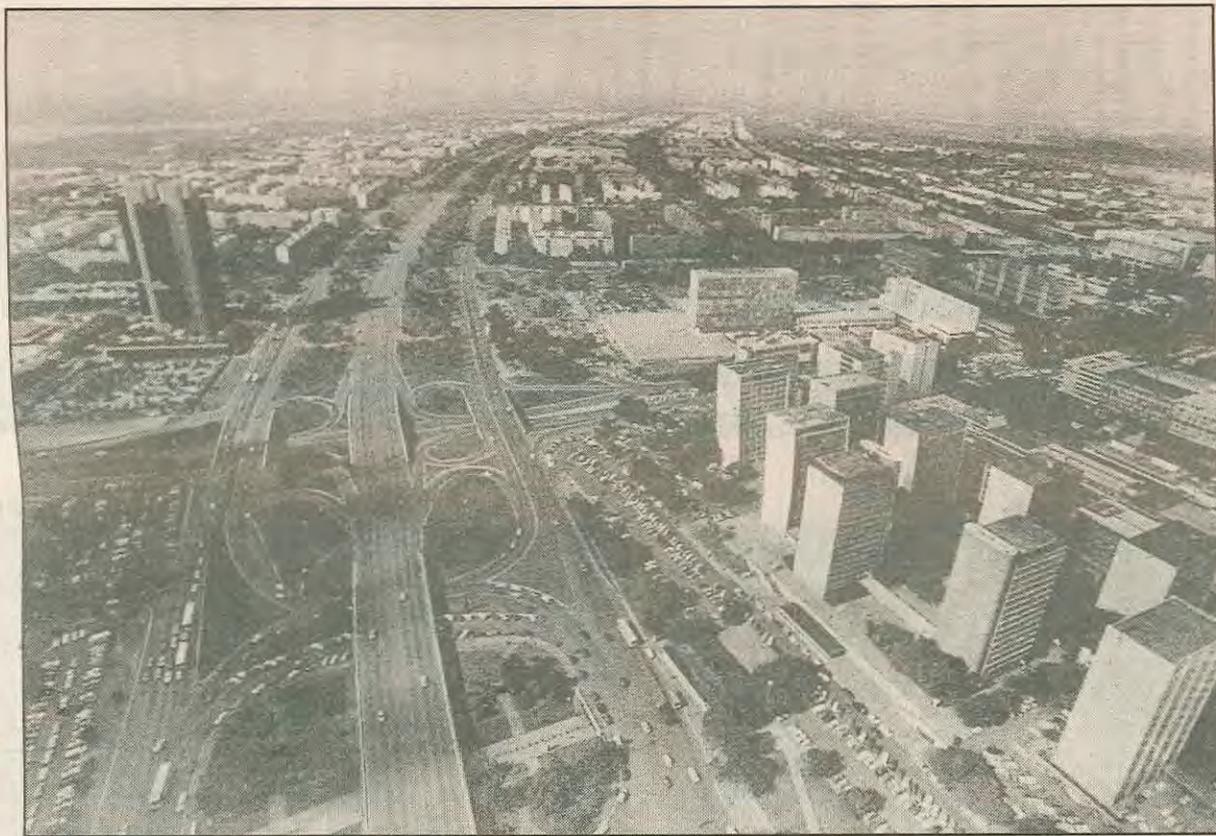
A mais velha cidade-estado é Viena, na Áustria, que é o maior e mais poderoso estado da Federação da Áustria. A outra é Lagos, na Nigéria.

A característica desse tipo de cidade é que o governo da capital federal é muito forte, tem todos os poderes de estado.

No caso de Brasília, o Governo do Distrito Federal tende a receber emanções do poder dos ministérios, do Governo Federal.

E a colocação que eu gostaria de fazer aos senhores é: — "Será que o governo local deveria ser mais independente? Deveria ser eleito um conselho para cuidar dos interesses dos residentes na cidade?"

Brasília é diferente das demais capitais do seu tipo. Diferente de Camberra, Islamabad, Nova Délí e Washington, que, como ela, foram construídas recentemente. É que ela foi construída numa terra virgem.



Razões de ser de um Distrito Federal

Há 17 anos o professor canadense Donald Howard realizou em Brasília uma conferência sobre a experiência mundial dos Distritos Federais, que pode ser considerada um clássico sobre o assunto, apesar de todo o intercurso de tempo. Algumas das questões levantadas ainda são pertinentes ao debate geral sobre Brasília.

DONALD HOWARD

Associação Canadense de Ciências Políticas

As outras, com exceção de Camberra, foram construídas perto de outros grandes centros.

Nova Délí, por exemplo, quando foi construída, estava bem dentro da cidade de Délí. A sua construção começou sem ser preciso criar infraestrutura para os operários, que já tinham outra cidade à disposição.

Isto não aconteceu aqui. Outra característica de Brasília, como o professor Ergun mencionou, é que ela tem o objetivo de desenvolvimento do interior. Não me lembro de um outro caso deste tipo — a não ser na Nigéria — em que a capital tenha sido instalada com a finalidade de desenvolvimento da região.

Como me foi recomendado pelo professor Monteiro de Santana, mencionarei — baseado nas minhas experiências em outras capitais federais — sete áreas de problemas de Brasília.

O primeiro problema — que já mencionei — é o do Governo do Distrito Federal. Este problema é comum, de acordo com as minhas observações, a todas as capitais federais, dentro de distritos federais. É o problema de coordenar as atividades do Governo do Distrito Federal com

as dos ministérios federais, havendo fragmentação e duplicação de esforços. Seria o caso de se definir quem seria o responsável por cada atividade.

O segundo aspecto que quero apresentar é o das cidades-satélites, no Distrito Federal. Deveria haver o que eu chamo de "sistema de duas fileiras". Ou de outra forma: não deveria haver governos locais para as cidades-satélites e para o Plano Piloto e, sim, "um governo de sombra", que abrangesse todo o Distrito Federal.

Para o modelo de tipo de governo ideal para o Distrito Federal, acho que devemos ver os exemplos de outras grandes cidades do mundo.

Eu tenderia a discordar do argumento do professor Ergun, que diz achar que todo o Distrito Federal deve ter um governo integrado, como uma única área urbana, sendo um único governo metropolitano.

O que eu discutiria — e a experiência de algumas cidades importantes do mundo demonstra — é que o sistema de "dois níveis de governo" — um em nível municipal e outro, que corresponderia ao nível estadual, para todo o Distrito Federal —

seria inteiramente funcional.

Seria a divisão do poder, no Distrito Federal. Haveria o poder do governo local, em cada cidade, separadamente. Acho que, pelo isolamento das cidades-satélites, isto seria ideal.

Em outras palavras: estaria garantido para o governo de todo o Distrito Federal aquelas funções e poderes que são necessariamente, para governar, em bases amplas o Distrito Federal. Os serviços de engenharia, abastecimento de água e esgotos seriam centralizados em uma base geral.

Há exemplos de bom funcionamento desse sistema, como o de Toronto, no Canadá, que existe desde 1953, com muito sucesso. Outro exemplo é a cidade de Londres. Em 1969, foi criado o sistema "duas fileiras" em Ottawa, para aquela parte da capital federal, que está no lado do rio Ontário. Há as municipalidades locais e o governo geral, para toda a área metropolitana. Acho que a grande vantagem desse sistema é permitir a que as comunidades locais possam influenciar na execução dos serviços específicos das cidades.

Outro problema, outro item a de-

bater, é o grau de integração da população do Distrito Federal. E isso precisa de um estudo mais profundo.

Há um grande fluxo de habitantes das cidades-satélites que se deslocam diariamente para o Plano Piloto. Se indústrias leves forem criadas nas cidades-satélites, elas se tornarão mais independentes e, assim, terão mais condições de fixar nelas os seus habitantes e tornarão mais forte a necessidade de um governo local próprio.

O problema nº 3 é a distribuição da população do Distrito Federal, além do seu limite de influência, além de sua própria área. Este é um aspecto que se tem falado muito neste seminário: migração, atração de populações para o Distrito Federal.

O problema nº 4 é a organização intergovernamental de planejamento. Como a influência do Distrito Federal vai além de seus limites, deve haver algum tipo de organização, para o planejamento do desenvolvimento de toda a área.

O problema nº 5 se refere ao objetivo de Brasília, em torno do desenvolvimento do interior do País. Parece-me importante este aspecto e a construção das maiores rodovias para o Norte e o Oeste é de extrema relevância na integração do País e, naturalmente, Brasília se tornou um centro de controle para o desenvolvimento da região.

Bastante relativo a esse problema é se Brasília se industrializar ou se deveriam ser desenvolvidas indústrias fora da área do Distrito Federal. Este seria, então, o problema nº 6.

O problema nº 7 se refere à agricultura, isto é, quanto a agricultura deveria ser incentivada na área vizinha de Brasília.

E eu gostaria de concluir perguntando: "Qual seria a solução para todos estes problemas de planejamento sobre a influência de Brasília nas regiões vizinhas e para os problemas de migração?"

Parece-me que a solução deva residir no planejamento nacional para o desenvolvimento de toda a região Centro-Oeste.

Em outras palavras, a solução não está só na área metropolitana.

Terá vir de cima. A abertura deverá ser para todo o interior do Brasil. Isto requer o desenvolvimento de uma ou mais cidades fora do Distrito Federal, de modo que Brasília não seria o único pólo de atração e o único centro dessa área. A migração seria atraída para outros pontos, ao invés de somente para Brasília e suas cidades-satélites. Assim, o caráter de Brasília, como capital federal, seria preservado e ela não se tornaria um grande centro industrializado, como São Paulo ou Rio de Janeiro.

Se o Brasil pôde construir uma capital federal com capacidade para um milhão de pessoas, em 20 anos, porque ele não é capaz de construir outras cidades fora do Distrito Federal, para prover o desenvolvimento de todo o interior?

O ex-prefeito da cidade, Plínio Catanhede, falou da necessidade de se imaginarem novos horizontes e se conquistarem novas fronteiras. Até onde sei, nenhum país construiu muitas novas cidades, atualmente.

Parece-me, então, assim, que Brasília tem mais uma oportunidade de ser um exemplo de desenvolvimento urbano para o resto do mundo.

O prof. Donald Howard, doutor em Ciências Políticas era, em 1976, presidente da Associação Canadense de Ciências Políticas e professor universitário no Canadá. Estados Unidos e na ex-União Soviética. A presente conferência realizou-se durante o 1º SEPLAG — Seminário de Planejamento Governamental de Brasília em 1976. DF — LETRAS agradece à CO-DEPLAN pela cessão do texto.